

Centro de Estudos Bahianos

ANTÔNIO ALVES COELHO

CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ARTES BRASILEIRAS

QUATRO ARTISTAS BAIANOS

- I — AGNALDO MANOEL DOS SANTOS
- II — GENARO DE CARVALHO
- III — MÁRIO CRAVO JÚNIOR
- IV — RUBEM VALENTIM

PUBLICAÇÃO
SALVADOR - BAHIA

30 DE JANEIRO DE 1969

53

ANTÔNIO ALVES COELHO



CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DAS ARTES BRASILEIRAS

QUATRO ARTISTAS BAIANOS

- I — AGNALDO MANOEL DOS SANTOS
- II — GENARO DE CARVALHO
- III — MÁRIO CRAVO JÚNIOR
- IV — RUBEM VALENTIM

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário
Geral, Dr. Affonso Ruy, à Praça Almeida Couto N.º 9 — Ba.

SALVADOR — BAHIA — 1968

A realização, de 28 de dezembro de 1966 a 23 de fevereiro de 1967, da 1.^a Bienal Nacional de Artes Plásticas, em Salvador, vem demonstrar o clima propício ao desenrolar daquele importante certame, que criou novos objetivos realmente nacionais para a sua concretização; mas tudo isso só foi possível com muito esforço e luta, que, no tempo, os artistas baianos e os seus organizadores souberam conquistar. Tôda essa luta é mais um prolongamento do movimento nascido em São Paulo, com a célebre "Semana de Arte Moderna", realizada em 1922, no Teatro Municipal, e cuja principal importância foi a quebra dos cânones então existentes e do rânco acadêmico, que desde a vinda da Missão Artística Francesa, em 1816, abarcava tôda a nossa cultura. Com a ruidosa manifestação paulista, muitos novos caminhos se abririam para a arte e a literatura.

Na história da arte brasileira, êsse nôvo marco demonstra a maturidade da arte moderna baiana, que, através de seus filhos, conseguiu levantar bem alto, além fronteiras, o nome do Brasil.

A plêiade dos artistas baianos é grande e variada, mas infelizmente não retrataremos a todos, pela insuficiência de espaço que êste estudo comporta. Noutra oportunidade o faremos; por ora destacamos quatro dêles, que, por suas características e traços personalísticos, preenchem o escôpo a que nos propomos realizar. Destacamos um pintor, um tapeceiro e dois escultores; consideramos dois escultores, um por ser uma força sempre propulsora, marcante e renovadora da arte baiana sob diversos aspectos, e o outro, de igual quilate, o fazemos também como uma homenagem póstuma do povo baiano.

I — AGNALDO MANOEL DOS SANTOS

Nasceu em Itaparica, Bahia, em 1926 e faleceu em 1962, com apenas 36 anos de idade, vítima da esquistossomose e da doença de Chagas. Escultor. Iniciou-se no atelier de Mário Cravo Júnior, como seu auxiliar, depois passando a produzir

f
981.42
C672
V.I

suas próprias esculturas, quase sempre em madeira e raramente em metal. Muitos foram os seus incentivadores, dentre os quais destacamos: Jenner Augusto, Tarso Lombardi, Pierre Verger, José Valladares e Wilson Rocha.

Sua arte é nata, dotada de grande espontaneidade e sua temática, a afro-brasileira.

O crítico Clarival do Prado Valladares afirmou: "O fato de ser brasileiro não o impediu revelar-se mais autêntico cultural e ancestral africano, que os próprios de hoje".

Em verdade, Agnaldo foi o mais importante escultor negro que o Brasil possuiu e a sua ancestralidade africana afluía a todo instante em sua obra, embora, só tivesse tomado conhecimento e sofrido influência da escultura negra, através de um álbum de fotografias que lhe foi mostrado por Pierre Verger.

De uma viagem que fez ao São Francisco, conheceu Francisco Biquiba Guarani, velho escultor de carrancas, com quem estudou e a quem considerava como seu segundo mestre.

Clarival do Prado Valladares, em estudo que fez de Agnaldo, assim se expressou sobre a sua técnica escultórica: "Nosso artista encarava a escultura em seu processo mais rudimentar — a escultura por diminuição, por debastamento de um bloco inteiriço, a tora de madeira que Agnaldo escolhia de acôrdo com o intento que tivesse em mente alcançar. Vale dizer, a tal respeito, que poucos souberam compreender, como o obscuro escultor baiano, aquêle valor maiêutico dos meios expressivos de que falou Dorflès, a adequação entre a matéria utilizada, a técnica empregada e o produto artístico que tinha em mente obter. Essa madeira usada, geralmente jaqueira, ou pau d'arco, era depois impregnada de substâncias que lhe davam uma epiderme escura, densa e sensual, procedimento êsse também em uso entre os anônimos artistas negros da África".

Participou de inúmeras exposições, dentre as quais destacamos, pelos dados que possuímos:

VI Salão Baiano de Belas Artes — Seção de Arte Moderna, tendo sido premiado com a "Medalha de Prata".

1957 — IV.^a Bienal de São Paulo — São Paulo

Petite Galerie — Rio de Janeiro — Sua primeira exposição individual, obtendo um invulgar sucesso e sendo muito referendado pela crítica especializada.

GEA — Rio de Janeiro

Galeria Ambiente — São Paulo

Galeria Oxumaré — Salvador — Bahia

1961 — Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro

1965 — Exposição "O Comportamento Arcaico Brasileiro" — Reitoria da Universidade de Minas Gerais — Belo Horizonte — (pós morte).

1966 — Exposição de Arte Contemporânea do 1.^o Festival Mundial de Arte Negra, Dacar, África, onde obteve o Grande Prêmio de Escultura. (Pós morte).

Embora sua carreira meteórica (apenas 10 anos de produção artística) terminasse em 1962, quando atingia os melhores frutos de seu trabalho, Agnaldo, pela obra realizada, pode e deve ser colocado entre os maiores escultores nacionais, por ter sido o mais importante escultor de sua côr, que tivemos. Sua escultura continúa entre nós, como um atestado de sua ancestralidade e um marco de sua personalidade.

Analisando a sua obra, mais uma vez apresentamos a douta opinião de Clarival do Prado Valladares, nosso comissário e membro do júri internacional do 1.^o Festival Mundial de Artes Negras, conhecedor profundo de sua obra: "Seus trabalhos revelam o sincretismo das duas culturas — a negra e a ibérica — que viria a se constituir no principal atributo do caráter brasileiro. É um exemplo da universalidade da Arte Negra, manifestado e desenvolvido através de surpreendente capacidade de sincretização".

II — GENARO DE CARVALHO

Nasceu em Salvador, Bahia, em 1926. Pintor, desenhista e tapeceiro. Estudou pintura na Escola Superior de Belas Artes, de Paris, onde foi aluno de André Lhote.

1945 — Realiza sua primeira exposição individual.

Quando Luçart esteve em visita à Bahia e viu lá, no Hotel da Bahia, uma pintura sua, foi logo declarando: — "Genaro, tua vocação é para a tapeçaria".

1950 — Viaja novamente para a Europa, onde visita vários países.

O desenho e a pintura não satisfaziam, buscava algo mais, em que pudesse desenvolver a sua arte.

Em seu depoimento afirma: "Em 1950 estava ainda na Europa a procura de um material adequado, um meio físico qualquer para realizar a minha arte; pintura a óleo aprendida na Academia não me enchia os olhos e a ronda dos museus não me entusiasmava. A princípio pensei no mosaico e cheguei mesmo a tentar alguma coisa, depois pensei no vitrô e finalmente encontrei na tapeçaria a **textura para meu tipo de senho e côr**". "Quando procurei na textura da tapeçaria interpretação de minha criação plástica eu já sabia que não poderia usar a pintura como meio de expressão final. É possível que instintivamente já produzisse no desenho para tapeçaria ou que as minhas tendências rumassem para esse objetivo".

Já nessa época tinha se firmado como pintor, participando de inúmeras exposições, dentre as quais destacamos, pelos dados que possuímos:

Salon d'Automne — Paris — França

Salon des Indépendants — Paris — França

Salon de Mai — Paris — França

1951 — 1.^a Bienal de São Paulo — São Paulo

1955 — 3.^a Bienal de São Paulo — São Paulo

1956 — Galeria Oxumaré — Salvador — Bahia

Exposição "50 anos de paisagem brasileira" — Museu de Arte Moderna de São Paulo — fev./março — São Paulo

1957 — Exposição coletiva de "Artistas da Bahia" — Museu de Arte Moderna de São Paulo (com pinturas, têmperas e tapeçaria).

III.^o Salão Baiano de Belas Artes — Divisão de Arte Moderna (pintura) — Salvador — Bahia

IV.^o Salão Baiano de Belas Artes — Divisão de Arte Moderna (pintura) — Salvador — Bahia

Após 1955, tôda sua atividade artística convergiu para a tapeçaria, dando novos horizontes a essa milenar arte. Reformulou os métodos e criou um nôvo artesanato em sua cidade natal, que viria ocasionar fortes influências em outros artistas brasileiros. Mais uma vez é seu o depoimento: — "Quinze anos atrás, quando realizei minha primeira tapeçaria na Bahia, estava longe de saber que iniciava um movimento de arte plástica capaz de hoje contar no Brasil com muitos aficionados procedentes de várias escolas de pintura, e outros de mesma procedência, apenas seduzidos pelo entusiasmo ou pela aventura".

Tem exposto seguidamente em numerosas galerias e centros culturais norte-americanos, através do Smithsonian Institution, com grande interêsse e aceitação, pelo povo americano.

É do "Times", a citação: — "Um artista de valor que projeta o artesanato de sua terra pelo mundo".

Eis mais algumas de suas exposições:

1964 — Festival Brasileira — Commercial Museum of Filadelfia — U.S.A.

1965 — Galeria Barcinky — Rio de Janeiro

Petite Galerie — Rio de Janeiro

Galeria Querino — Salvador — Bahia

Biennale Internationale de la Tapesserie — Lausanne Suíça — Comparece a convite e representa o Brasil

1966 — Galeria Astréia — São Paulo (Tapeçarias e pinturas)
Salão de Abril — Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (pintura)

1967 — Petite Galerie — Rio de Janeiro — Nessa exposição apresenta uma inovação, procurando fazer relevos, com contas, missangas e também utilizando fios soltos na tecelagem espessa.

Exposição Ciclo de Estudos de Arte Brasileira (2.^a da série de 5) — Escola de Belas Artes — Diretório Acadêmico — Rio de Janeiro.

Dono de um estilo próprio, caracteriza-se pelo desenho, que realiza sempre em cartões, apresentando um relêvo linear esquematizado, formado de planos colorísticos de fortes contrastes; sua temática também desenvolveu-se pelo terreno da flora e da fauna, apresentando notáveis trabalhos, não só pelo aspecto alegre e contrastante de suas composições, como, principalmente, pela exata disposição das linhas e dos planos que, estilizados, compõem os seus desenhos. Suas obras estão espalhadas entre inúmeras coleções particulares e em grande número de Museus, no Brasil e fora. Tem ainda procurado dinamizar a arte da tapeçaria, em prol de uma evolução atualizante, que bem condiz com a época de transformações em que vivemos, transformações essas que se processam a curtos espaços de tempo e vem procurando dar novas características ao seu trabalho, pelas pesquisas que vem realizando.

III — MÁRIO CRAVO JÚNIOR

Nasceu em Salvador, Bahia, em 1923. Escultor. Iniciou seus estudos com um santeiro baiano, depois continuando com o escultor Humberto Cozzo.

Em 1949, embarcou para os Estados Unidos, indo se aperfeiçoar com Mestrovich, em Nova York. É um escultor eclético e de marcante personalidade, tendo participado de inúmeras exposições dentro e fora do Brasil.

Para falar melhor de Mário Cravo, invocamos o grande crítico baiano, já falecido, José Valladares, pelos conhecimentos a respeito do artista e de sua obra. A respeito da escola de arte de Mário Cravo, informa-nos: "Ele pertence a Blitzkunst, ou seja arte relâmpago, arte que não perde tempo, arte ultra-rápida, vertiginosamente criada, para ser vista com rapidez, ofuscante, às vezes temível, mas é mistér salientar, tão respeitável quanto às forças desencadeadas da natureza". É ainda dêle mesmo a crítica: "Suponho que nunca deixarei de lamentar o temperamento vertiginoso do nosso artista, que praticamente o torna incompatível com os vagares de um andamento cuidadoso. Seu ímpeto criador não tolera, por exemplo, que uma visão plástica fique à espera do polimento de uma superfície. Daí, talvez, sua decidida preferência pelos materiais que se prestam a uma execução rápida, como a madeira (quando comparada ao granito ou mármore), a pedra sabão, o ferro em fusão, a monotipia e a litrografia. E penso que a esta particularidade de seu temperamento se deve igualmente o fato de serem seus melhores trabalhos aqueles que a intuição de forma coincide em tempo com a realização da obra, deixando-o livre para nova pesquisa, para um novo caminho, para novas criações. O que me importa na arte da escultura é que seja vigorosa, como sistema de linhas, de planos e de massas, que contenha valores psíquicos e que exprima uma verdade. Dêste ponto de vista, é sem favor Mário Cravo um dos grandes escultores mais dotados que há no Brasil de hoje".

Além de grande artista plástico, dominando plenamente a escultura e a gravura, também Mário Cravo é grande mestre na arte da didática, desenvolvendo seus misteres de professor de gravura na Universidade da Bahia.

A escultura de Mário Cravo Júnior é de cunho expressionista e podemos dividi-la em duas fases: a figurativa (representada pelos santos e imagens, bem à tradição barrôca) e a não figurativa (representada por experiências formais).

Da mesma maneira como trabalha a madeira, com idêntica perícia elabora obras em metal.

Tem participado de inúmeras exposições, dentre as quais destacamos, pelos dados que dispomos:

III.º Salão Baiano de Belas Artes — Divisão de Arte Moderna — Seção de Escultura, onde obteve a "Medalha de Prata".

IV.º Salão Baiano de Belas Artes — Divisão de Arte Moderna — Seção de Escultura. Nesse salão participa também como membro do júri.

V.º Salão Baiano de Belas Artes — Divisão de Arte Moderna — Participa nas Seções de Desenho, Pintura e Gravura.

VI.º Salão Baiano de Belas Artes — Divisão de Arte Moderna — Seção de Escultura. Participa também como integrante do júri.

- 1945 — Exposição da Diretoria Municipal de Turismo — Prefeitura Municipal de Salvador — Bahia
Exposição no Instituto Cultural Brasil Norte-americano Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul.
- 1950 — Exposição no Museu de Arte Moderna de São Paulo (Aquatintas).
- 1951 — 1.ª Bienal de São Paulo — Seção de Escultura — Recebendo Prêmio de Aquisição.
- 1954 — Exposição no Berna Kunstmuseum — Suíça — "Gravadores brasileiros" — Exposição organizada pelos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro
- 1954 — Exposição no Museu Rath de Genebra — Suíça — "Gravadores Brasileiros" — Exposição organizada pelos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro.
- 1955 — III.ª Bienal de São Paulo — Seção de Escultura — Recebe também o prêmio de aquisição.
- 1963 — VII.ª Bienal de São Paulo — Seção de Escultura.
- 1964 — Exposição em Berlim — Alemanha.

2057/74



1964 — Festival Brasileira (Exposição Coletiva) — Commercial Museum of Filadelfia — U.S.A.

De 1963 a 1964 permanece na Europa (Berlim e outros centros), onde vai lecionar e expor a convite da Fundação Ford.

1966 — Galeria Bonino (Esculturas e desenho) — Rio de Janeiro.

1967 — Exposição Resumo — Jornal do Brasil — (Os melhores de 1966) — Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

É, atualmente, diretor dos Museus de Arte Moderna da Bahia e do de Arte Popular de Salvador.

Suas obras se encontram em inúmeros museus, comonos de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Museu de Arte de São Paulo e em inúmeras coleções particulares.

IV — RUBEM VALENTIM

Nasceu na Rua Maciel de Baixo, 17, distrito da Sé, na cidade do Salvador, Bahia, em 1922. Artista autodidata. Era filho de família pobre e numerosa (eram seis irmãos). Seus pais lutaram com grande dificuldade para criar e educar seus filhos; assim foi crescendo Rubem Valentim, nesse ambiente familiar, mas toldado pelas lutas cotidianas em prol de um amanhã mais seguro e mais próspero. Chegou a se formar em odontologia, mas abandonou a profissão, contra os protestos de sua família e amigos, para se dedicar irreversivelmente às artes plásticas.

Em 1946 participou de um movimento renovador das artes e letras, juntamente com os escritores Heron de Alencar e Vasconcelos Maia, poetas Wilson Rocha e Cláudio Tuiuti Tavares, artistas plásticos Carlos Bastos, Mário Cravo Júnior, Jenner Augusto, Lígia Sampaio e Genaro de Carvalho, cujo fim principal, conforme anunciavam, era arrancar a Bahia do atraso cultural em que se encontrava. Artista totalmente autodidata, durante algum tempo dedicou-se exclusivamente ao estudo da arte e a aprender os segredos da pintura. Nesse período dedicou-se muito a copiar célebres pintores.

Em fins de 1951 faz a descoberta da arte negra, dos signos-símbolos e daí para cá tem sido essa sempre a sua temática.

Necessitando de melhor campo para o desenvolvimento de sua arte, já que na província havia muita limitação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1957, onde continuaria sua luta e onde o ambiente mais propício à arte e aos artistas, também oferecia maiores dificuldades, pois são muitos os que buscam a glória.

Também nesse período difícil de sua trajetória, não lhe faltavam incentivadores e mãos amigas, como a de Bina Fonyat.

A melhor coisa que Rubem Valentim afirma ter feito nessa época é ter contraído matrimônio com Lúcia Alencastro.

Em seu depoimento afirma: “Com o pêso da Bahia sobre mim — a cultura vivenciada; com sangue negro nas veias — o atavismo; com os olhos abertos para o mundo, para o que se faz no mundo — a contemporaneidade; criando meus signos símbolos, procurando transformar em linguagem visual o mundo encantado, mágico e provavelmente místico que aflui continuamente dentro de mim. O substrato vem da terra tão ligado que sou ao complexo cultural da Bahia. Partindo desses dados pessoais e regionais, busco uma linguagem autêntica para me expressar plásticamente. Na minha pintura a geometria é um meio. Amo a ordem sensível, a côr na sua integridade, a construção sem intelectualismos estéreis, a limpeza. Ser claro é fundamental. Não improviso — o acaso sempre é perigoso. Consciente de que todo dogma ou ortodoxia é anti-arte, não me preocupo com as exasperações da moda. Não tenho ambições vanguardistas, ou melhor, não quero ser um eterno profissional das vanguardas”.

Eis algumas de suas exposições: individuais:

1954 — 1.^a Exposição — Salvador — Bahia

1961 — Petite Galerie — Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna — São Paulo

1962 — Galeria Relêvo — Rio de Janeiro

1965 — Galeria de Arte da Casa do Brasil — Roma — Itália.
Coletivas:

1949 — Salão Baiano de Belas Artes — Salvador — Bahia

1955 — III.^a Bienal de São Paulo — São Paulo

1956 — Salão Nacional de Belas Artes — Seção Moderna
— Rio de Janeiro

- 1959 — Exposição “8 artistas contemporâneos” — Rio de Janeiro V.^a Bienal de São Paulo — São Paulo
- 1961 — “Artistas Brasileiros” — Estados Unidos da América do Norte
VI.^a Bienal de São Paulo — São Paulo
- 1962 — XI Salão Nacional de Arte Moderna — Ministério da Educação e Cultura — Rio de Janeiro
XI.^o Salão Paulista de Arte Moderna — São Paulo
- 1963 — Artistas Brasileiros na XXXI.^a Bienal de Veneza — Galeria de Arte da Casa do Brasil — Roma — Itália
VII.^a Bienal de São Paulo — São Paulo
- 1964 — XXXI.^a Bienal de Veneza — Veneza — Itália
Exposição “A Porta e a Obra” — Galeria IBEU — Rio de Janeiro
- 1965 — VIII.^a Bienal de São Paulo — São Paulo
- 1966 — Exposição de Arte Contemporânea do I.^o Festival Mundial das Artes Negras — Dacar — África
- 1967 — IX.^a Bienal de São Paulo — São Paulo
Premiações:
- 1955 — Prêmio “Universidade da Bahia” — Salão Baiano de Belas Arte — Seção de Arte Moderna
- 1958 — Prêmio de Aquisição — Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro
- 1960 — Prêmio de Aquisição “Federação Nacional da Indústria” — Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro
“Isenção de Júri” — Salão Nacional de Arte Moderna — Rio de Janeiro
- 1962 — “Prêmio de Viagem ao Estrangeiro” — XI.^o Salão Nacional de Arte Moderna
“Pequena Medalha de Ouro” — Salão Paulista de Arte Moderna — São Paulo
“Prêmio da Crítica” — Associação Internacional de Críticos de Arte — A.I.C.A. — Seção Brasileira, pela melhor exposição do ano.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Revista Galeria de Arte Moderna (GAM) n.^o 2 — Jan./67
Rio de Janeiro
- 2 — Revista Galeria de Arte Moderna (GAM) n.^o 3 — Fev.^o/67
— Rio de Janeiro
- 3 — Revista Galeria de Arte Moderna (GAM) n.^o 4 — Março/67
— Rio de Janeiro
- 4 — Revista Galeria de Arte Moderna (GAM) n.^o 5 — Abril/67
— Rio de Janeiro
- 5 — Revista Galeria de Arte Moderna (GAM) n.^o 11 — 1968
— Rio de Janeiro
- 6 — Revista Cadernos Brasileiros n.^o 36 — Julho/Agosto — 66
— Rio de Janeiro
- 7 — Quem é Quem nas Artes e nas Letras do Brasil — Ministério das Relações Exteriores — Departamento Cultural e de Informações — 1966
- 8 — Catálogo do I.^o Salão Paulista de Arte Moderna — Nov.^o/Dez.^o — 51 São Paulo
- 9 — Catálogo do II.^o Salão Paulista de Arte Moderna — Dez.^o/52 — São Paulo
- 10 — Catálogo do XI.^o Salão Paulista de Arte Moderna — Junho/62 — São Paulo
- 11 — Catálogo da I.^a Bienal de São Paulo — Out.^o/Dez.^o/51 — São Paulo
- 12 — Catálogo da III.^a Bienal de São Paulo — Junho/55
São Paulo
- 13 — Catálogo da IV.^a Bienal de São Paulo — Set.^o/57 São Paulo
- 14 — Catálogo da V.^a Bienal de São Paulo — Set.^o/Dez.^o/59 — São Paulo
- 15 — Catálogo da VI.^a Bienal de São Paulo — Set.^o/Dez.^o/61 — São Paulo
- 16 — Catálogo da VII.^a Bienal de São Paulo — Set.^o/Dez.^o/63 — São Paulo
- 17 — Catálogo da VIII.^a Bienal de São Paulo — Set.^o/Nov.^o/65 — São Paulo
- 18 — Catálogo da IX.^a Bienal de São Paulo — Set.^o/Dez.^o/67 — São Paulo
- 19 — Catálogo da Exposição «50 anos de Paisagem Brasileira» — Museu de Arte Moderna de São Paulo — Fev.^o/Março/56 — São Paulo
- 20 — Catálogo da Exposição «Artistas da Bahia» — Museu de Arte Moderna de São Paulo — 1957 — São Paulo
- 21 — Tentativa de uma pequena História da Arte no Brasil — Pedro Manoel Gismondi — Publicação Convívio — 1964 — São Paulo

- 22 — Artes Maiores e Menores (Seleção de Crônicas de Artes) — José Valladares — Livraria Progresso Editôra — 1957 — Salvador — Bahia
- 23 — Catálogo da Galeria de Arte da Casa do Brasil — Seção Cultural da Embaixada do Brasil em Roma — 1965
- 24 — Catálogo do Acervo — Museu de Arte de São Paulo — 1963
- 25 — Estudos de Arte Brasileira — José Valladares — Publicação n.º 15 do Museu do Estado da Bahia — 1960
- 26 — Catálogo da Exposição «O Comportamento Arcaico-Brasileiro» Reitoria da Universidade de Minas Gerais — 1965
- 27 — Revista Habitat n.º 72 — Junho/63 — São Paulo
- 28 — Revista Habitat n.º 74 — Dezembro/63 — São Paulo
- 29 — Revista Habitat n.º 75 — Jan.º/Fev.º/64 — São Paulo
- 30 — Revista Habitat n.º 79 — Set.º/Out.º/64 — São Paulo
- 31 — Revista Habitat n.º 80 — Nov.º/Dez.º/64 — São Paulo
- 32 — Revista Habitat n.º 81 — Jan.º/Fev.º/65 — São Paulo
- 33 — Revista Habitat n.º 82 — Março/abril/65 — São Paulo
- 34 — Revista Habitat n.º 84 — Julho/Dez.º/65 — São Paulo
- 35 — Catálogo do XI.º Salão Nacional de Arte Moderna — Ministério da Educação e Cultura — 1962 — Rio de Janeiro
- 36 — Paisagem Rediviva — Clarival do Prado Valladares — Imprensa Oficial da Bahia — Salvador — 1962.